UFSC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CCE Centro de Comunicação e Expressão

CENTRO DE COMUNICAÇÃO
E EXPRESSÃO

Departamento de Expressão Gráfica
Departamento de Arte e Cultura
Colégio de Aplicação
ARTE na ESCOLA – polo UFSC

Professor

Isaac Antonio Camargo

Licenciado em Desenho e Plástica – UNAERP/SP
Mestre em Educação – UEL/PR
Doutor em Comunicação e Semiótica – PUC/SP

Departamento de Expressão Gráfica – CCE – UFSC

Ambiente de apoio pedagógico Virtual:
www.artevisualensino.com.br

Introdução à Crítica em Arte Visual

Leituras e Exercícios críticos em Arte Visual

As falas da Crítica

Há diferentes modos de fazer arte, portanto, há diferentes tipos de crítica de arte, cada época admite um tipo de abordagem

Tantos quantos são os modos de abordar a arte, são os modos de produzir crítica

Podemos dizer que a crítica opera na relação entre a produção artística e a expectativa, pertinência ou vigência social desta produção no seu próprio tempo e lugar

Parece um tanto primitivo·
Mas acho que é o que se pode esperar,,,

Por princípio, a arte dialoga com o seu tempo, ela pode concordar ou discordar do pensamento vigente, estar em conjunção ou disjunção com ele, mas é pontuada por ele

Por sua vez, a crítica consciente, deve observar as ocorrências artísticas e apontar a pertinência, impertinência, propriedades e impropriedades que revela, dadas as relações inferidas do contexto

Por outro lado, não cabe à crítica o dever ou o poder de orientação da produção artística, à ela cabe apenas se pautar pela análise criteriosa e contextualizada das obras de arte na época de sua ocorrência

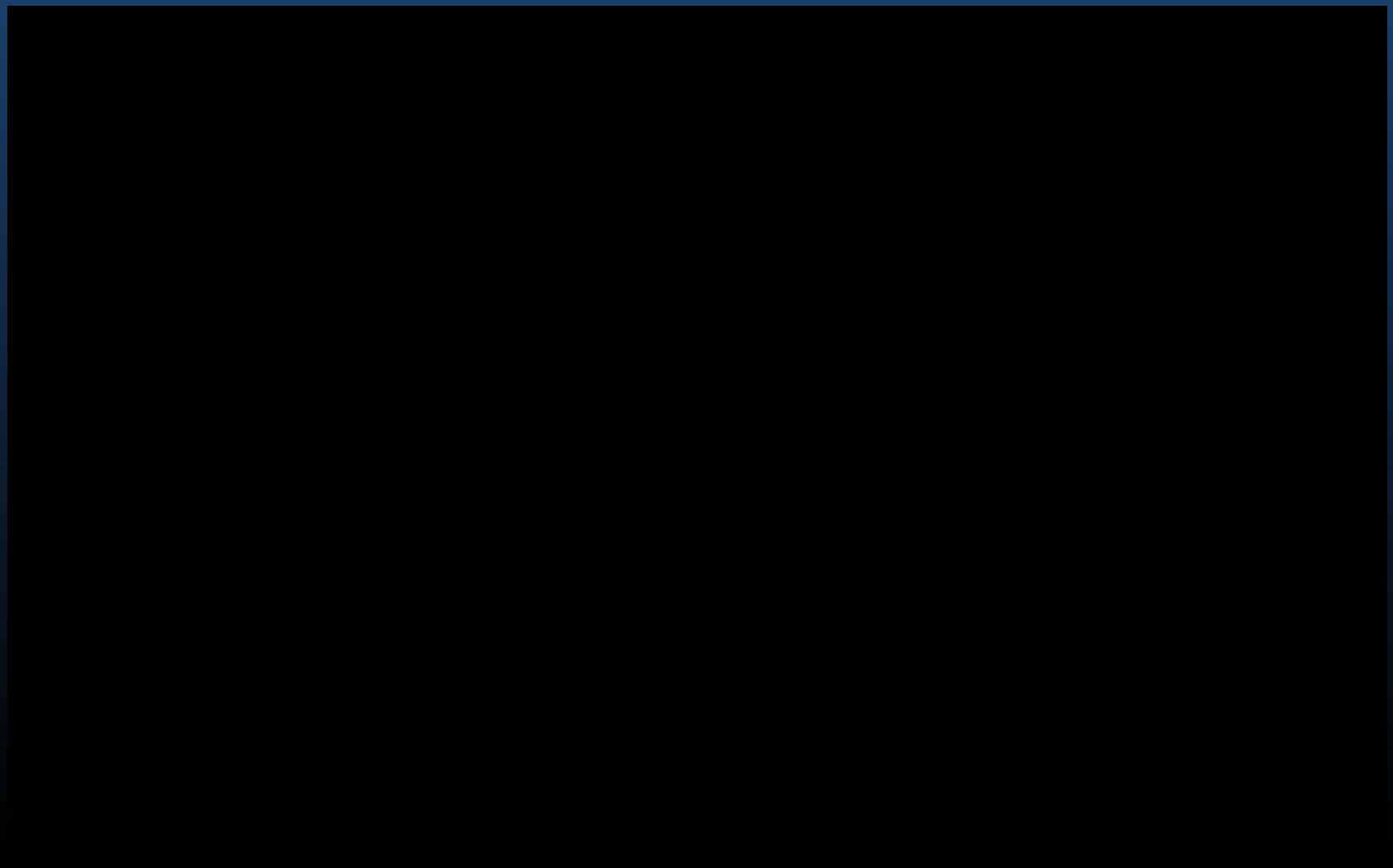
Os críticos, tanto quanto os artistas, são entes sociais movidos por interesses e paixões, logo, expressam aquilo que vêem e acreditam, portanto realizam valores e a crítica opera em busca destes valores

É quase impossível pensar uma crítica isenta, técnica, impessoal, arbitrada simplesmente na manifestação artística e completamente isolada da índole humana

Um exemplo interessante, embora ficcional, é o de *Anton Ego*, crítico gastronômico de Ratattouille, que personifica a atitude arrogante e cética do crítico, inclusive na própria imagem. Em sua principal fala reconhece a missão do crítico no contexto social

“De certa forma, o trabalho de um crítico é fácil. Nós arriscamos pouco e temos prazer em avaliar, com superioridade os que nos submetem seu trabalho e reputação, ganhamos fama com críticas negativas que são divertidas de escrever e de ler.

O mundo costuma ser hostil com os novos talentos, as novas criações. O novo precisa ser incentivado. (...) Nem todos podem se tornar um grande artista, mas um grande artista pode vir de qualquer lugar”



Ego in Ratattouille

http://www.youtube.com/watch?v=GwBOjFsgFb8

Ego é o protótipo do especialista que tudo sabe e tudo domina. Habituado à rotina da mesmice e do cotidiano é surpreendido por algo diferente e que lhe desperta novas sensações, encantado pelo novo se deixa levar pelo prazer do inusitado

Entretanto, para que o discurso crítico assumisse a formatação típica daquele que diz com convicção, passou por diversas mudanças ao longo da história

Neste sentido, é essencial e necessário refazer tal percurso para entender melhor o caminho da crítica de lá para cá

Para falarmos de crítica, podemos nos reportar à antiga Grécia considerando que, se lá é o berço da filosofia da arte (da estética), é também o berço da crítica

Mas, quanto a isto, é necessário esclarecer que, nem sempre, os textos se referiam exclusivamente à arte mas aos *valores essenciais* à filosofia em si

Em diversas ocasiões os textos tratavam do apreciar, do pensar ou do fazer da arte mas, nem sempre, era o assunto em pauta

Portanto, muito daquilo que conhecemos do pensamento grego sobre arte, não a tratava como um objeto de estudo, mas a via *de passagem*

Podemos dizer que o exercício crítico existe na antiguidade, como também na Idade Média, na Idade Moderna e Contemporânea, a crítica acompanha os fazeres da arte e tanto quanto ela, mudam

Contemporaneamente, podemos dizer que a crítica assume o caráter de uma disciplina autônoma e especializada, onde não há lugar para a opinião ou o gosto, mas um lugar em que a apreciação estética se realiza

Entretanto, para chegar a este estágio, a crítica assumiu diferentes posturas ao longo da história, independente da época em que a arte vivia

Portanto, a história da crítica não se revela como uma linha contínua ou como o desenvolver de um só pensamento, mas pela somatória de muitas e diferentes contribuições de filósofos, historiadores, teóricos e artistas, de todas as linhas de pensamento ao longo do tempo

Neste caso, podemos tentar apontar certos modos, atitudes ou posturas que foram aparecendo ou sendo desenvolvidos, ao longo da história e nos auxiliam a pensar sobre a crítica

A estratégia que utilizaremos é a de selecionar alguns modos ou procedimentos, por meio de *recortes temáticos*, independente dos períodos em que ocorreram na história e, dentro deles, estudar o desenvolvimento da crítica

Vamos identificar o primeiro recorte como sendo a *Crítica Descritiva*

Parece que, ao longo dos anos, aqueles que se propunham a avaliar ou falar sobre arte, o faziam tomando como referência o mundo natural

Em conseqüência disso, tendiam a comparar a arte com aquilo que viam no mundo, se aproximando ou se afastando dele

Logo, a Arte tinha mais valor quando se aproximava da aparência do mundo natural e menos valor quando se afastava dela

Platão, em algumas de suas falas na “República”, toca em questões deste tipo ao falar sobre a pintura

Ora fala da imitação, ora na diferença entre o *imitar* e o *conceber*, fala também na necessidade de *criar unidade* entre as diferentes partes de uma obra

As falas deste e de outros autores, *descrevem* o modo como os artistas produzem as obras: destacam suas competências técnicas e habilidades, bem como o modo como tratam certos temas

Revelam também o gosto do público pela imitação em detrimento do gosto pela criação, tão caro ao artista

É também comum
aparecerem aspectos
morais ou pragmáticos
naquelas discussões, logo,
a arte que dê conta
também destas questões é
bem-vinda

Dentro desta mesma linha descritiva, uma segunda possibilidade de abordagem pode ser considerada como uma *Abordagem Literária*

Segundo este procedimento o crítico *recria* a obra de arte mediante suas habilidades oratórias ou literárias, no intuito de dar a ver ao leitor uma idéia sobre ela

Quase sempre se desenrola um pretensioso diálogo com a obra cujo fim é estimular o leitor para imaginar os motivos ou sentidos propostos. Como o ponto de partida é a inferência, nem tudo que o crítico diz, coincide com o que o autor propôs

O virtuosismo ou a habilidade do escritor (crítico) tende a suplantar a habilidade do autor (artista)

A obra acaba sendo um mero pretexto para que o literato revele suas habilidades retóricas e construa uma cena mental para deleite do leitor

Uma segunda possibilidade diz respeito ao que podemos chamar de *Crítica Normativa*

Neste caso a crítica se preocupa em identificar os critérios ou regras de constituição das obras de arte

O crítico (ou aquele que critica) assume o caráter professoral e dita modos e condutas que espera ou acredita serem valores (plásticos ou conceituais) a serem seguidos ou cumpridos pelos artistas

Esta postura crítica é típica da tradição clássica e acadêmica e pressupõe normas e regras de organização, estilo, forma e temas

Admite que certos autores, ao longo do tempo, conseguiram obter resultados excelentes nas suas produções, portanto, devem ser seguidos como modelos

Grande parte destes críticos tomavam por referência o seu próprio gosto, portanto, difícil de ser convalidado por outros

Outro aspecto deste pensamento era acreditar que a antiguidade (em especial a Clássica) havia atingido um nível de qualidade técnico/estético que devia servir de inspiração para sempre

A terceira possibilidade diz respeito ao que se chama de *Crítica Ideológica*

Este tipo de crítica toma como referência os valores implícitos ou explícitos nas obras de arte mediante a figuração nelas contidas

Uma das referências teóricas mais importantes desta crítica diz respeito à Iconografia, que é o estudo que se dedica à descoberta dos sentidos simbólicos das imagens

De um modo geral a análise das obras, por este método, não se aprofunda em valores, mas dá conta apenas da aparência e de suas relações temáticas com o contexto social

A função didática assumida explicitamente pela arte visual, em especial na Idade Média, é um exemplo disso

Outro aspecto que esta linha de pensamento toma como referência são os valores morais, principalmente aqueles oriundos do mundo cristão

Grande parte das análises requeriam das obras lições morais, explicitação das virtudes e dos bons costumes, tomando como referência apenas a descrição temática das obras de arte

Mais um dos aspectos desta linha de pensamento é a relação entre arte e política, ou seja, da arte dita “engajada”

A arte a serviço do poder, quer seja dos xamãs, faraós, imperadores, ditadores, governantes e também detentores do poder econômico como os príncipes florentinos que apoiavam a arte por meio do mecenato

Um último aspecto desta postura, é a crítica social empreendida pela arte tomada como libelo de difusão de idéias e valores que confrontavam o poder

O Realismo do Século XIX é um exemplo típico disso, bem como as obras de artistas brasileiros da década de 30, 40, como Portinari, por exemplo, que toma a miséria como tema

Um quarto recorte temático diz respeito ao que se chama de *Crítica Subjetiva*

É comum no contexto da arte vermos manifestações sobre as obras de arte tomando como referência aquilo que o comentador mais gosta ou prefere

Neste caso, o critério de abordagem é a preferência pessoal de um crítico, colecionador ou artista. Não há parâmetros ou balizadores conceituais, teóricos ou técnicos

Desde os escritos da antiguidade, esta postura está firmada, até os dias de hoje é comum lermos críticas que tomam como parâmetro o gosto pessoal

Na verdade esta crítica não se submete a um método, mas apenas a uma abordagem opinativa e limitada

Neste mesmo contexto é comum o uso da chamada *Crítica Polêmica* em que o tom da fala perpassa pela virulência verbal, exemplo disso é a crítica de Monteiro Lobato em relação à Anita Malfatti

Muitas vezes o crítico toma elementos do comportamento do artista, sua vida pessoal, seus defeitos ou virtudes para se referir à obra, como se obra e artista fossem uma coisa só

Grande parte da crítica proferida em relação às obras de artistas Modernos, tinham este perfil, com exceção da crítica realizada pelos próprios artistas nos manifestos que editavam na instauração dos movimentos

Talvez, em conseqüência dos movimentos Modernos, surge um quinto estilo de crítica a *Crítica Formal*

Nesta linha de pensamento propõe-se uma análise das formas, como uma atitude pragmática, numa tentativa de agir sem a intervenção da opinião ou dos sentimentos de quem julga

Em conseqüência quer se atingir o nível de comunicação pertinente aos sentidos que as formas propõem e não aos temas, logo os valores são as qualidades sensíveis e não os temas

O significado advém da organização das formas, das estruturas em que são distribuídas e ordenadas, das direções e formatos que imprimem e das cores que apresentam

Nesta linha está a teoria da "Visualidade Pura" de Worringer e também as abordagens de Wölfflin, a eles importa mais a configuração formal e estrutural do que a história ou a temática

Além destes recortes, pode-se destacar ainda, em sexto lugar, a *Crítica Histórica*

No contexto da história há a necessidade de um olhar prospectivo, de um olhar que percorra um processo de transformação que se inicia num dado lugar e num certo tempo e se desloca para além disso

Neste contexto um elemento que irá ser tomado como importante é a biografia

Uma biografia se configura como um olhar sobre alguém tomando-o nas suas relações com o contexto, com seus pares, suas crenças, valores e desejos

As referências são os documentos produzidos por essa pessoa, os depoimentos dos seus amigos, familiares e contemporâneos, como também os dados registrados sobre ele na literatura ou na mídia

As primeiras tentativas de análise sobre a arte, desde a Grécia, tomam esta referência crítica como motor do processo de conhecimento

Para esta tendência, o crítico deve tomar o artista como referência e olhar por meio dele a sua própria obra e o seu tempo, portanto agente histórico

A somatória dos muitos agentes históricos, constituem, em última instância, a História da Arte

Para eles, distinguir escolas, estilos, pertinência das manifestações com suas épocas é de suma importância, pois, cada estilo significa um período, uma época, um modo de ver e sentir-se humano

Pode-se falar ainda em *Crítica Psicológica* ou *Psicanalítica*

Nesta linha, é possível estudar as motivações geradoras da manifestação artística a partir do indivíduo que a produz

Fatores de ordem pessoais e da personalidade do autor influi e influencia a análise da obra de arte, neste caso, a crítica ocorre como conseqüência desta abordagem psico/social

A catarse proporcionada pela criação seria um modo do artista equilibrar a sua personalidade e se manter íntegro diante do mundo

Por ele é possível descobrir o universo de criação por qual o artista transita, se isto for um elemento de significação importante para conhecer a obra, o conjunto dela ou mesmo o autor em profundidade

Segundo eles, traumas e neuroses podem ser traduzidas nas manifestações artísticas e revelar as motivações íntimas ou primeiras dos criadores

É também necessário tecer considerações à respeito de Marx e Hengels no que diz respeito às suas teorias, já que se discute uma crítica Marxista

Precisamos saber em que medida essas teorias implicam nas análises críticas da arte, na medida em que a arte é parte integrante do contexto social

Para eles a sociedade evolui baseada nos seus meios de produção. Neste caso, quem domina os meios de produção domina também a sociedade e consolida suas idéias e valores nesta sociedade

A transformação dos meios de produção implica numa disputa entre classes, a que domina e a que quer assumir o domínio através dos novos meios de produção, isto motiva as transformações sociais como conseqüência

Uma nova ideologia se superpõe a outra na medida em que os valores se tornam obsoletos ou são suprimidos por meio da conscientização da sociedade

A fé ou a crença nos valores promulgados por quem domina aliena quem é dominado e mantém o poder

Neste caso a arte exprime e manifesta o comportamento ou as condutas e a ideologia das sociedades de suas épocas, a função crítica é revelar os mecanismos de manipulação e transformação

Outros recortes críticos podem destacar outras vertentes como a *Social* ou *Sociológica*, *Antropológica* ou *Cultural*, a *Semiótica* ou *Estruturalista*

A crítica de postura social tende a analisar a obra de arte tendo como pano de fundo a sociedade, suas características, ideologias, economia e política

Na vertente Antropológica, é possível tecer as análises a partir das relações culturais, ou seja, dos motivadores que levam certos produtores ou certas etnias a realizar arte

Neste contexto, seriam focos de interesse as culturas que, independente de seu nível de domínio tecnológico, estariam no mesmo plano as culturas indígenas e urbanas, sem preconceitos

A Semiótica toma por base as teorias lingüísticas e dos signos. Nesta vertente a manifestação da obra de arte revela sua própria significação

Neste campo, cada obra é, em si, um universo significante e, portanto, geradora de sentido, independente de relações de outras ordens ou vertentes de análise

Enfim, nossa preocupação foi a de apontar diferentes possibilidades críticas, no intuito de clarear os estudos futuros de cada um de nós

Fazer crítica é desenvolver o percurso de análise das obras de arte, independente dos períodos ou lugares em que elas foram produzidas

Obviamente, existem condicionantes culturais, sociais, psicológicos, étnicos e tantos outros que se mostrarão por meio das análises

Entretanto, o que pretendemos é que se constitua uma consciência crítica que tome por base o estudo da história da arte, de suas teorias e as relações que a arte manifesta no contexto das sociedades em que surge ou que vive

Há necessidade, para que se exerça a crítica com responsabilidade e consciência, de se aprofundar o conhecimento estético, histórico e social

Há que se considerar a *vigência* da obra de arte em relação ao seu tempo, ou seja, se ela é compatível com as estruturas e condições da sociedade em que existe

Há que se considerar se os autores, artistas, operam no mesmo nível de desenvolvimento técnico, tecnológico e conceitual do seu tempo

Enfim, o crítico precisa descobrir quais e como são manifestos os *valores estéticos* que a obra de arte revela

PT
a uma cidade"